

ANAIS DO
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITARIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME I

XLIII

Coleção da *Revista de História* sob a direção
do Prof. Eurípedes Simões de Paula.



SÃO PAULO — BRASIL
1973.

SACERDÓCIO SERVIL NA RÚSSIA MEDIÉVAL (*).

(Resumo).

NIKO ZUZEK

Da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Santos e da Faculdade de Engenharia Industrial
(FEI). São Paulo.

O sacerdócio cristão, seja na sua escôlha, seja no seu exercício, é essencialmente livre. A ordenação sacerdotal só é vánda com o consentimento livre do candidato e, os atos principais de culto — a celebração dos sacramentos — dependem, em seu valor, da intenção do ministro. Mesmo que a liberdade interna exigida peio sacerdócio não seja totalmente incompatível com a condição social da escravidão ou da servidão, a Igreja não conferia o sacerdócio às pessoas que não gozassem de liberdade social, para que a falta desta não redundasse na falta daquela.

Nem sempre, porém, tal norma foi observada. A presente comunicação relata um dêstes casos: uma parte de sacerdotes russos na Idade Média era ordenada e exercia o sacerdócio em condição de escravos ou servos.

Trata-se de um fato quase desconhecido, mas certo. O sínodo episcopal de Vladimir (1274) tratando dos critérios e condições para escôlha de candidatos ao sacerdócio proibe a ordenação dos que estivessem em servidão, ou escravidão com as seguintes palavras:

“Não conferir sacerdócio ao servo, caso o patrão não lhe tivesse antes concedido a liberdade perante várias testemunhas, com certificado por escrito, e lhe proporcionasse a possibilidade de fato de ir para onde quizesse”.

Aliás, a prescrição canônica do sínodo baseia-se na carta do Patriarca constantinopolitano, Germano, escrita em 1228 ao Metro-

(*) . — Comunicação apresentada na 2ª sessão de estudos, Equipe A, no dia 6 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*).

polita russo, Cirilo II, sôbre o mesmo assunto. O Patriarca lamenta e prescreve em t ermos fortes, a necessidade de erradicar o abuso dos senhores russos, que costumam comprar escravos — e at e prisioneiros de guerra não cristãos — fazem-lhes apreender a arte de ler e, quando atingem a idade can nica, pedem aos bispos que os ordenassem sacerdotes, porém, sem libert -los antes da escravidão. O fato, de ter um sínodo episcopal tratado do assunto, indica que não se tratava de casos isolados.

A preocupa o do Patriarca, advinda da notícia que lhe vem de longe (pois se encontrava em Nic ia), só pode ser explicada se admitirmos que se tratava de um costume de uso comum.

Os sacerdotes-servos não podiam prestar seus serviços às igrejas eparquiais ou paroquiais. Isto significaria estar sob a jurisdi o do bispo, conseqüentemente implicaria a liberdade. Qual, então, a ocupa o a  les reservada na sociedade medieval russa?

Na Grécia os aristocratas costumavam construir no terreno adjacente à casa pequenos oratórios (*oi  κτ ριοι ο κοι*) para uso familiar. Após a cristianiza o da Rússia, o costume foi transferido para Kiev. As pessoas em destaque na vida social da antiga Kiev faziam questão de possuir um oratório doméstico (em russo *domovie tserkvi*). Ao que parece, grande era o número destas igrejinhas. As referências das cr nicas russas falam em mais de 700 igrejas em Kiev, testemunho que   verossímil s mente se incluirmos no número os oratórios particulares. De Kiev o costume transferiu-se para Vladimir e Moscou, onde o número de oratórios também não era exíguo, sem levar em conta o uso posterior das famílias aristocratas que reservavam, para os atos litúrgicos de caráter familiar, algumas salas, chamadas *krestovie komnati* (as salas das cruzes).

Ao grande número de oratórios particulares tinha que corresponder um número considerável de sacerdotes. Já que na Rússia o oratório particular era o sinal externo dos *status* social do 'dono, o sacerdote próprio o era também. Pedir, em certas ocasiões, em "empréstimo" um sacerdote, representaria s rio desprestígio. Por outro lado, para se conseguir um sacerdote estável, que não tivesse a possibilidade de mudar de emprêgo conforme as vantagens, e, sem grandes despesas para o seu sustento (as despesas seriam reduzidas ao custo da aprendizagem da leitura e um pequeno  bolo ao bispo no ato da ordena o), o melhor recurso era fazer ordenar um dos seus servos. Assim entre os servos do determinado senhor, onde uns cuidavam de cavalos, outros de cães de caça, havia um também que, em determinado momento, vestia os paramentos sacros para celebrar os atos litúrgicos.

E' evidente que, dos servos feitos sacerdotes por vontade do

patrão, não se podia esperar um comportamento condizente. E' nos-
sa firme opinião que o comportamento dêles influiu não pouco no
nível cultural e moral da grande massa do clero da época. Embria-
guez, jogos, poligamia e outras desordens perseguidas com rigor ca-
nônico pelos sínodos episcopais e intervenções dos metropolitas tes-
temunham a desoladora situação. Não é de estranhar pois que na
Rússia, não sòmente medieval, mas também posterior, raros eram
os clérigos pertencentes à aristocracia e o sacerdócio nunca conse-
guiu subir na escala das classes sociais.

*

BIBLIOGRAFIA.

- Golubinski (E.). — *Istoria Russkoi Tserkvi* (História da Igreja Russa), Vol.
I e III, Moscou, 1901.
- Miklosich (F.) und Müller (I.). — *Acto Patriarchatus Constantinopolitani*,
Vol. I-II, Viena, 1860.
- Pavlov (A.). — *Fasciculus anecdotorum byzantinorum precipue ad jus cano-
nicum spectantium*, São Petersburgo, 1898.
- Polnoe Sobranie Russkih Letopisei* (Coleção Completa de Crônicas Russas),
São Petersburgo, 1841-1904.
- Παλλή και Ποτλή. Σύνταγμα τῶν ἱερῶν κανόνων, Atenas, 1852.
- Soloviev (S. M.). — *Istoria Rossii* (História da Rússia), Vol. I-II, Moscou,
1960.

* *
*

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Eurípedes Simões de Paula* (FFLCH-USP. São Paulo).

Afirma que sendo a Igreja Russa filha da Igreja Bizantina, per-
gunta se nesta não houve igual costume ou o fato enfocado pelo Autor
foi devido apenas à situação social dos eslavos e se sòmente na Rús-
sia existiram êscos monges servos? Indaga ainda se existiram idên-
ticos monges-servos na Bulgária ou entre outros países eslavos do-
minados pela Igreja Bizantina?

*

Do Prof. *Oliveira Leite Gonçalves* (FFCL-UCG. Goiânia. Goiás).

Indaga se existia algum outro fato semelhante a êste na His-
tória da Igreja, ou êle é o único?

Pergunta ainda se existe outro aspecto de servidão intelectual
de eclesiásticos em outros tempos da História e a Igreja?

*

Do Prof. *Diores Santos Abreu* (FFCL-Presidente Prudente. São Paulo).

Pede os seguintes esclarecimentos?

- 1).. — Qual era a origem dos sacerdotes-servos? Já eram sacerdotes? Ou servos mandados estudar para padre?
- 2). — Qual a posição da hierarquia diante dos sacerdotes-servos?
- 3). — Com a abolição da servidão na Rússia também acabaram-se os sacerdotes-servos?
- 4). — Havia reação dos sacerdotes-servos à sua situação?

*

* * *

RESPOSTAS DO PROFESSOR NIKO ZUZEK.

Ao Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

A Igreja Bizantina proibia severamente a ordenação sacerdotal de servos ou escravos. O forte protesto do Patriarca Germano contra tal abuso na Igreja Russa indica claramente a mente grega a este respeito.

Contudo existia na Grécia um tipo de sacerdote que sob certo aspecto se assemelhava aos sacerdotes servos russos. Trata-se do caso dos camponeses em condição de *adscriptii* (*αναπόροφοι*) que, quando ordenados, continuavam sendo obrigados a permanecer nas terras arrendadas, trabalhá-las e cumprir tôdas as obrigações decorrentes da sua condição de *adscriptii*. Uma vez que para as igrejas paroquiais das regiões rurais se ordenavam regularmente camponeses nesta situação, o seu número não era pequeno. Mas devemos salientar: quanto à escôlha do sacerdócio e do seu exercício êles eram livres e sujeitos à autoridade eclesiástica, enquanto os sacerdotes servos russos foram sacerdotes e exerciam o sacerdócio como uma decorrência da obediência devida aos seus donos.

Não conhecemos nenhum caso de sacerdócio servil na Bulgária e Sérvia, onde, a servidão e a escravidão foram menos difundidas do que na Rússia.

Quanto aos sacerdotes gregos incumbidos dos oratórios particulares, sabe-se que, habitualmente, acumulavam também a função de ecônomos da propriedade na qual se encontrava o oratório. (Veja, Golubinski, *História da Igreja Russa*, vol. I, § 473, nota 1).

*

Ao Prof. *Oliveira Leite Gonçalves*.

a). — O caso apresentado pela comunicação não é o único na história da Igreja.

Também na Igreja Latina se deu tal realidade. Podemos aqui citar o relato do arcebispo de Lion, Agobardo, que em vivas côres descreve a existência e a situação de sacerdotes servos dos magnatas francos, na primeira metade do século IX. Eis o texto original:

“Increbuit consuetudo impia, ut paene nullus inveniatur anhelans et quantulumcumque proficiens ad honores et gloriam temporalem, qui non domesticum habeat sacerdotem, non cui obediat sed a quo incessanter exigat licitam simul atque illicitam obedientiam, non solum in divinis officiis, verum etiam in humanis, ita ut plerique inveniatur, qui aut ad mensas ministrent aut canes ducant aut caballos, quibus feminae sedent, regant aut agellos provideant. Et quia tales, de quibus haec dicimus, bonos sacerdotes in domibus suis habere non possunt, non curant omnino, quales clerici illi sunt, quanta ignorantia coeci, quantis criminibus involuti; tantum ut habeant praesbyteros proprios, quorum occasione deserant ecclesias seniores et officia publica. Quod autem non habeant eos propter religionis honorem, apparet ex hoc, quod non habeant eos in honore. Unde et contumeliose eos nominantes, quando volunt eos ordinari presbyteros, rogant nos aut jubent dicentes: habeo unum clericionem quem mihi nutrivim de servis meis propriis aut beneficialibus sive pagensibus aut obtinui ab illo vel illo homine sive de illo vel illo pago, — volo ut ordines eum mihi presbyterum”.

(Veja, Hizerler, *Kirchengeschichte; Dritte Periode, Zweiter Theil*, cap. III, § 7, nota 12).

b). — Outro caso refere-se à época moderna. Ainda no século XIX os latifundiários georgianos faziam ordenar sacerdote um de seus servos, mantendo-o na condição de servo. Eis o que está escrito a este respeito no *Istori tcheskii Vestnik* de Suvorin, caderno de janeiro de 1855, § 34:

“o sacerdote, cumpria seus deveres de servo da gleba exatamente como os outros camponeses e durante as viagens do seu senhor era absolutamente normal vê-lo entre os servos, carregando a pesada bagagem do seu dono. Quase todos os latifundiários possuíam sua igreja particular. Seu aspecto externo era o de um celeiro feito de madeira com uma cruz em cima do telhado, sendo por dentro ornado com uma *iconostasis* extremamente simples. Os livros litúrgicos, bem como outros utensílios, o *antimension* e os cálices conservavam-se na tesouraria do latifundiário. Por ocasião da celebração litúrgica, a serva encarregada das chaves, levava tudo para a igreja e chamava entre os servos aquele que era sacerdote. Este, então, vestia os paramentos e celebrava. Terminada a ação

litúrgica tudo era reposto na tesouraria e o sacerdote voltava ao cumprimento dos seus deveres. Os latifundiários vendiam seus sacerdotes como qualquer outro servo" (Apud Golubinski, vol. I, § 493, nota 1).

*

Ao Prof. *Diores Santos Abreu*.

a). — Trata-se de servos que eram ordenados padres por ordem de seus senhores, e como consta da carta recriminatória da parte do Patriarca Germano, trata-se de escravos, que na época só podiam ser prisioneiros de guerra não cristãos. E' evidente que, antes de serem ordenados, êstes tinham que ser batizados.

b). — No I Volume da sua *História da Igreja Russa*, o Prof. consagra quase duzentas páginas ao relacionamento entre a hierarquia e o baixo clero russo, contudo, nada afirma sòbre as atitudes da hierarquia em relação aos sacerdotes servos. Podemos supor que a atitude básica da hierarquia foi a do silêncio tolerante, pelo menos até ao Sínodo de Vladimir em 1274. Sabendo-se que por ocasião da ordenação sacerdotal os hierarcas recebiam um óbulo obrigatório e que os sacerdotes tinham que participar com taxas anuais para o sustento da cátedra episcopal, podemos supor que nem todos os hierarcas estiveram interessados em levantar protestos. Também não devemos olhar para o sacerdócio servil daquela época com a mente moderna. Na época a servidão era considerada como uma predestinação vinda do céu e o contraste entre o ideal exigido pela Igreja e a realidade não era sentida tão fortemente como o seria hoje.

c). — Na época da abolição da servidão na Rússia, já não havia mais, ao menos *de jure*, sacerdotes servos. De fato, porém, havia ainda alguns casos, como consta da nossa resposta feita ao Prof. Oliveira Leite Gonçalves (veja a referência aos sacerdotes servos na Geórgia).

d). — Não se tem nenhuma notícia de tal revolta. Aliás, entre vários servos, o servo sacerdote era talvez o mais privilegiado, e, por outro lado, não suficientemente instruído para poder pensar em revolta.